



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES- CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

LAIS PEREIRA SANTIAGO

**ESPELHO, ESPELHO MEU, SERÁ QUE EXISTE ALGUÉM ASSIM COMO EU?
LITERATURA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM FOCO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Guarabira

2022

LAIS PEREIRA SANTIAGO

**ESPELHO, ESPELHO MEU, SERÁ QUE EXISTE ALGUÉM ASSIM COMO EU?
LITERATURA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM FOCO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras, sob a orientação da Prof.^a Dra. Maria Suely da Costa.

Área de concentração: Literatura infanto-juvenil.

Guarabira

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S145e Santiago, Laís Pereira.
Espelho, espelho meu, será que existe alguém assim como eu? [manuscrito] : literatura e cultura afro-brasileira em foco na educação infantil / Laís Pereira Santiago. - 2022.
28 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Literatura infantil. 2. Identidade étnico-racial. 3. Educação antirracista. I. Título

21. ed. CDD 410

LAÍS PEREIRA SANTIAGO

**ESPELHO, ESPELHO MEU, SERÁ QUE EXISTE ALGUÉM ASSIM COMO EU?
LITERATURA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM FOCO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras.

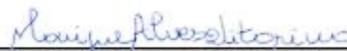
Área de concentração: Literatura infanto-juvenil

Aprovada em: 14/07/2022.

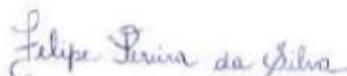
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Maria Suely da Costa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Monique Alves Vitorino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Felipe Pereira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à mulher que trouxe conforto aos meus dias, que se fez luz quando existia o medo, que me encorajou a ser melhor quando eu mesmo duvidava. Dedico estas escritas ao braço forte que me guiou nos primeiros passos, as mãos que nunca me deixaram cair e ao sorriso mais bonito que se abriu ao me contemplar pela primeira vez. Dedico esta escrita à mulher que me impulsionou a ser mais forte quando tudo em mim se enfraquecia. Dedico à minha mãe - a mulher da minha vida.

Os ventos sopraram sabedoria
Teu nascimento foi o anúncio de uma deusa banhada de histórias
Seus ancestrais fizeram festa
Você é o renascimento de todos eles
Suas raízes estão fincadas ao chão
Você é a flor desta árvore
Seus conhecimentos darão frutos
És a continuação
A resistência de um povo
A queda da casa-grande
Tua voz ecoa outras vozes
Eles gritam: -Não se cale!
É a sua vez de plantar sementes
A árvore da vida precisa ser regada
Mostre a sua força
Não permita que oprimam teu grito
Sua voz é a reza mais bonita de escutar

- a força dos antepassados vive em você
(Laís Santiago)

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	9
2.	A LEI 10.639/03: A CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA EM SALA DE AULA.....	11
3.	ENTRE LAÇOS, CACHOS E REPRESENTAÇÃO: NILMA LINO GOMES NO CAMINHO DO EMPODERAMENTO.....	15
3.1	A ANCESTRALIDADE REPRESENTADA EM "BETINA"	20
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
5.	REFERÊNCIAS.....	25

**ESPELHO, ESPELHO MEU, SERÁ QUE EXISTE ALGUÉM ASSIM COMO EU?
LITERATURA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM FOCO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

**MIRROR, MIRROR ON THE WALL, IS THERE ANYONE LIKE ME?
AFRO-BRAZILIAN LITERATURE AND CULTURE IN FOCUS IN EARLY
CHILDHOOD EDUCATION**

Laís Pereira Santiago¹

RESUMO:

A lei 10.639/03, criada em função da necessidade de se estudar história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, ocasionou abertura para uma produção literária pautando temas para além do proposto em obras que, até então, eram carregadas de estereótipos europeus impondo padrões de beleza característicos da pele branca, como olhos claros, cabelos lisos, longos e loiros. Em função da diversidade étnico-racial, fez-se urgente a inclusão de conteúdos que representem positivamente o povo negro. Partindo-se desse ponto, este artigo tem como objetivo analisar a representação da família e ancestralidade na formação de uma educação antirracista e de uma identidade étnico-racial positiva como também destacar as etapas iniciais do ensino infantil trabalhando com obras literárias que tragam referenciais positivos através dos personagens negros. O objeto de estudo é o livro *Betina*, de Nilma Lino Gomes, abordando a temática do cabelo afro como simbologia positiva da identidade negra e a importância da família como principal representante identitário. Para essa pesquisa de cunho analítico e bibliográfico, destacam-se, como fundamentação teórica os estudos de Santana (2006); Anjos (2005); Lima (2005); Dias (2005); Gomes (2005); Cavalleiro (2003 e 2006); Oliveira (2005); Gomes (2002); Souza (2016); Ferreira (2002); Gomes (2003). Em síntese, verifica-se a importância das relações familiares, assim como do debate escolar trazendo temas étnico-raciais em sala de aula como um direcionamento efetivo na afirmação e construção identitária da criança negra. Assim, a literatura possibilita essa construção conosco mesmo e com o outro, fortificando a importância do respeito às diversas etnias, culturas e povos.

Palavras-chave: Literatura infantil. Identidade étnico-racial. Educação antirracista.

ABSTRACT:

The law 10.639/03, created due to the need to study African and Afro-Brazilian history and culture in schools, has opened the way for a literary production focusing on themes beyond those proposed in works that, until then, were loaded with European stereotypes imposing beauty standards characteristic of white skin, such as light eyes, straight hair, long and blond. Due to ethno-racial diversity, the inclusion of content that positively represents black people has become urgent. Based on this point, this article aims to analyze the representation of family and ancestry in the formation of an anti-racist education and a positive ethno-racial identity as well as to highlight the initial stages of early childhood education working with literary works that bring positive

¹ Licencianda em Letras, Campus III, no Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba (CH/UEPB). Email: santiagolais11@gmail.com

references through the black characters. The object of study is the book *Betina*, by Nilma Lino Gomes, approaching the theme of afro hair as a positive symbol of black identity and the importance of the family as the main representative of identity. For this analytical and bibliographical research, the studies of Santana (2006); Anjos (2005); Lima (2005); Dias (2005); Gomes (2005); Cavalleiro (2003 and 2006); Oliveira (2005); Gomes (2002); Souza (2016); Ferreira (2002); Gomes (2003) stand out as theoretical foundation. In summary, it is verified the importance of family relations, as well as of the school debate bringing ethno-racial themes in the classroom as an effective direction in the affirmation and identity construction of the black child. Thus, literature enables this construction with ourselves and with the other, strengthening the importance of respect for various ethnicities, cultures and peoples.

Keywords: Children's literature. Ethnic-racial identity. Anti-racist education.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de analisar a representação da família e ancestralidade na formação de uma educação antirracista e de uma identidade étnico-racial positiva por meio da literatura. O foco deste trabalho se baseia nas etapas iniciais do Ensino infantil, enquanto fator primordial no acesso à leitura de obras literárias que configurem referenciais afirmativos da cultura afro-brasileira através de personagens protagonistas negros.

No Brasil, muito se ouvia falar das histórias europeias e dos contos das princesas loiras de olhos azuis e de pele branca como a neve. O problema não é falar das princesas com esses estereótipos, o problema é não incluir também as histórias de princesas negras e de tantas outras culturas. O problema está na falta de representação de uma etnia que também constitui a formação étnica do nosso país. No contexto escolar, o livro didático também reforça um determinado "padrão" cultural e acaba silenciando e inferiorizando o povo negro, expandindo ideologias de branqueamento:

O livro didático, de um modo geral, omite ou apresenta de forma simplificada e falsificada o cotidiano, as experiências e o processo histórico cultural de diversos segmentos sociais, tais como a mulher, o branco, o negro, os indígenas e os trabalhadores, entre outros. Em relação à população negra, sua presença nesses livros foi marcada pela estereotipia e caricatura, identificadas pelas pesquisas realizadas nas duas últimas décadas. A criança negra era ilustrada e descrita através de estereótipos inferiorizantes e excluída do processo de comunicação, uma vez que o autor se dirigia apenas ao público majoritário nele representado, constituído por crianças brancas e de classe média. (SILVA, 2005, p.23)

Verificando este cenário, notamos como foi construída a educação de nosso país: calcada de preconceitos e "padrões de beleza". Infelizmente, tais representações sociais ecoam negativamente, porque determinam a inferiorização de um povo, disseminando e internalizando desde a educação infantil o preconceito ao povo negro. Nesse contexto, Anjos (2005, p.175) traz uma discussão importante:

É relevante não perder de vista que a África foi marcada por vários séculos de opressão, presenciando gerações de exploradores, de traficantes de africanos escravizados, de missionários, que acabaram por fixar uma imagem hostil dos trópicos, cheios de forças naturais adversas ao colonizador europeu e de homens ditos indolentes.

Desta forma, cabe à escola, enquanto instituição social o uso de novas abordagens de literatura que estimulem o senso crítico dos alunos, fazendo-os se identificarem como sujeitos da história. Por isso, a educação torna-se tão indispensável como forma de desconstruir a imagem historicamente deturpada do povo negro e da África.

Cabe ao educador fazer com que seus alunos compreendam a história dos diferentes povos sem tornar algum deles superior aos outros. Assim como trazer representações positivas construídas pelo movimento negro² e que trabalhem positivamente com a valorização do cabelo afro e a identidade negra. Tudo isso para desmistificar essa visão estereotipada que foi construída erroneamente e imposta ao afrodescendente.

A partir dessas discursões, a proposta da pesquisa baseia-se em analisar a literatura infanto-juvenil afro-brasileira pela editora Maza Edições, com foco no livro *Betina* de Nilma Lino Gomes. O livro abarca o universo literário afro-brasileiro/africano com destaque ao cabelo e penteados afros (tranças), o que possibilitará um aprendizado sobre as especificidades histórico-culturais do povo africano e a valorização do cabelo. Assim, esta pesquisa pretende possibilitar as discursões em torno das disparidades raciais, a problematização de estereótipos construídos erroneamente e a importância de se trabalhar a identidade étnico-racial na família, assim como nas escolhas de produções literárias levadas à sala de aula.

Para atingir esses objetivos, este trabalho está estruturado em três partes. A primeira aborda a lei 10.639/03 e se desenvolve partindo do surgimento desta mesma lei. Procurando, assim, compreender os caminhos trilhados para a implementação da lei 10.639/03 como uma conquista da educação graças ao movimento negro.

O segundo ponto procura destacar a importância de o educador/professor abordar literaturas afro-brasileiras e africanas em sala de aula como forma de quebrar padrões europeizados das literaturas abordadas na antiga grade curricular e diversificar a sala de aula com a história de vários povos e culturas.

Seguindo, a terceira parte aborda o livro *Betina* de Nilma Lino Gomes e nele será trabalhada a pesquisa em torno da ancestralidade, valorização do cabelo afro, a construção positiva da identidade étnica na criança – trazendo como fator primordial a família. Por fim, apresentam-se as considerações finais a qual o estudo permitiu concluí-las. No contexto das lições absorvidas, é destacado continuarmos na luta pelo reconhecimento identitário negro e ao uso de obras que abram espaço para a construção de uma educação antirracista.

² O movimento negro no Brasil surge a partir do regime escravocrata. Dentre os nomes de destaques que impulsionaram o movimento está Zumbi dos Palmares. Esse grupo atua durante muito tempo com resultados positivos na luta contra o preconceito e a desigualdade. No contexto atual, podemos destacar a lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino de história Africana e afro-brasileira em sala de aula. A luta continua ativa nos dias atuais buscando a criminalização do racismo, a inclusão de políticas públicas que aumentem a presença do negro no mercado de trabalho e nos centros educacionais, assim como a aceitação da cultura e da herança histórica.

Disponível em: <<https://www.politize.com.br/movimento-negro/>> Acesso em: 11 de Abril de 2022.

2. A LEI 10.639/03: A CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA EM SALA DE AULA

A escola é um local apropriado para trazer à tona questões importantes como a construção de diálogos e a desconstrução de ideologias racistas. A partir do momento que ela não consegue dar espaço a diversidade e criar um local de escuta, como também de visibilidade, acaba universalizando uma só cultura, aprendizado e consequentemente uma só etnia. Ferreira (2002) informa que:

A diversidade cultural é característica fundamental de todas as sociedades, mas se ela costuma ser usada de modo a desfavorecer os grupos sem poder nas mesmas, dentro da escola isto também acontece. Dentro da escola essa diversidade é esquecida, é tornada invisível, e substituída por uma concepção monocultural que reveste tudo o que nela acontece: a seleção curricular, o trabalho pedagógico cotidiano, a imposição de normas e valores, o processo de avaliação, etc. (FERREIRA, 2002, p.100)

Em sua fala, Ferreira (2002) discute sobre a diversidade cultural em sala de aula e problematiza que muitas vezes a discussão de diversos povos é esquecida. E é pensando num currículo diverso, que valorize múltiplas etnias que a educação deve ser construída. Investir em histórias que visibilizem o povo africano, indígena e afro-brasileiro, pode gerar um "espelho literário", onde as pessoas se reconhecerão em cada leitura. Partindo-se disso, pode-se compreender o papel fundamental da literatura na desconstrução negativa do ser negro, visto que ela fará com que o aluno se sinta representado naquela história, naquele personagem construído positivamente sem caracterizá-lo com algo ruim. Contudo, é importante o questionamento que Lima (2005) dá sobre a questão do reconhecimento:

Toda obra literária, porém, transmite mensagens não apenas através do texto escrito. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado. Se examinadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade. A cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo. E se pensarmos nesse universo literário, imaginado pela criação humana, como um espelho onde me reconheço através dos personagens, ambientes, sensações? (LIMA, 2005, p.101)

Como as crianças irão se enxergar através do "espelho literário"? Elas se reconhecerão naquele personagem? Apesar da crescente produção de obras representativas que trazem o personagem negro como protagonista da história:

Por outro lado, a maioria das produções, corroboram exatamente o que se tentou denunciar: o preconceito racial, uma vez que alguns protagonistas negros são: 1) em grande maioria, associados à pobreza, quando não à miserabilidade humana; 2) desamparados, sem família, haja vista a carência

do pai e/ou da mãe; 3) tutelados pelo branco bom; 4) tecidos de maneira inferiorizada e sujeitos à violência verbal e/ou física; 5) enaltecidos pelos atributos físicos e/ou intelectuais, com vistas à democracia racial. (OLIVEIRA, 2005, p. 109)

A posição que o negro ocupa em alguns espaços de obras literárias muitas das vezes é reforçando estereótipos negativos como relacionar o negro à favela, piadas racistas, a sujeira, a algo ruim; "padrões" que foram construídos erroneamente ao longo dos tempos e colocando barreiras na posição do branco e do negro.

Todo o trabalho da construção da identidade tende a ser formado na infância, é um "tecer" de construção histórica, social e cultural. Sobre identidade negra, Gomes (2003) discute:

[...] o processo de construção da identidade negra é muito mais complexo, instável e plural. Apesar das marcas negativas deixadas pelas experiências de discriminação, o negro se reconstrói positivamente. É claro que esse processo não se dá no isolamento e varia de pessoa para pessoa. Existem diferentes espaços e agentes que interferem no processo de rejeição/aceitação/ressignificação do ser negro. Pode ser a família, a participação em espaços políticos, a atuação de um professor ou professora, a construção de uma amizade ou de um relacionamento amoroso ou, no caso da depoente anteriormente citada, o envolvimento com a questão racial via estética: profissionalizando-se como cabeleireira étnica. (GOMES, 2003, P. 178)

Por isso a importância de representação positiva em obras literárias, visto que a escola pode interferir no processo de rejeição/aceitação, levando em conta que:

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores (as), sobre a importância da diversidade cultural? (GOMES, 2005, p.43)

O papel da escola é ligar as experiências oriundas dos livros ao cotidiano escolar e trabalhá-las em forma de histórias infanto-juvenis sobre a temática africana/afro-brasileira tendo como ferramenta didática, por exemplo, o uso de fantoches (visto que o público-alvo é formado por crianças) ou levando bonecas abayomi³ e ensinando aos alunos a forma que se constrói e toda a história sobre elas,

³As mães africanas que vieram forçadas a vir para o Brasil nos navios negreiros rasgavam pequenos pedaços de seus vestidos e improvisavam bonecas feitas de tranças ou nós com esses retalhos como forma de acalantar seus filhos e também como um amuleto símbolo de proteção. Essas bonecas ficaram conhecidas como abayomi e traduzida do lorubá significa 'encontro precioso'. <<http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>> Acessado em 14 de Abril de 2022.

assim será trabalhada a identidade, memória e o reconhecimento histórico e social entorno dessas bonecas.

Mas, para isso é importante capacitar seus professores no processo de construção identitária positiva dos alunos na sala de aula, partindo-se de obras literárias. Trazendo a reflexão de Gomes (2005), como o professor saberia trabalhar com a diversidade cultural em sala de aula? É preciso preparo, materiais, inclusão de histórias que não elevem apenas uma etnia como a "superior".

Muitas escolas, infelizmente, ainda silenciam ou não sabem como reagir diante de atitudes racistas e preconceituosas, principalmente se surgirem no ensino infantil. Oliveira (2005) traz um relato de uma professora do ensino infantil que trata justamente dessa falta de ação diante dessas situações:

Um outro fato que não consigo esquecer foi a fala de uma professora, em um curso de aperfeiçoamento de educadores, em Itabuna-BA, em fevereiro de 2002, ao lembrar de um ex-aluno, de quatro anos, de pele clara, que se negou a pegar nas mãos de um colega negro, da mesma idade, por ter nojo das suas mãos, pensando que soltaria tinta e o sujaria. A professora disse ter ficado muito constrangida com a situação; e a criança negra, envergonhada, engoliu a rejeição em silêncio, acuada. Deixo, aqui, essa triste imagem para reflexão. (OLIVEIRA, 2005, p. 104,105)

Existem aqueles alunos que demonstram violência e agridem verbalmente e que podem causar traumas irreversíveis em suas vítimas, pois as consequências causarão medo, dor emocional e acabarão tendo sua autoestima diminuída. Para evitar esses danos, é importante que o professor observe atentamente qualquer forma de preconceito racial, pois isso desencadeará uma “reprovação, dependendo do dano psicológico e emocional causado à criança” (CAVALLEIRO, 2003, p. 81-89).

A princípio, a literatura levada ao ambiente escolar ilustrava e mostrava a cultura africana apenas como um povo que foi escravizado. Não se via a representatividade dos nossos heróis africanos. O currículo educacional também entra nessa discussão, pois ele era totalmente voltado para uma visão eurocêntrica, não problematizava as questões raciais.

E essa visão europeia acabava referenciando o “branco” e toda sua cultura como um padrão de supremacia social, econômica, política e cultural. Tendo essa perspectiva, a lei 10.639/03 que traz a obrigatoriedade do ensino de história e da cultura afro-brasileira e africana fez-se necessária para a construção de um currículo onde possa existir uma diversidade cultural para reverter o preconceito e extinguir a visão eurocêntrica. Munanga (2005) traz essa discussão:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (MUNANGA, 2005, p. 16).

Foi pensando na importância do reconhecimento de uma memória e uma identidade negra que os movimentos negros se manifestaram. A lei 10.639/03 começou a ser reivindicada pelos movimentos negros, ocorridos em torno da década de 1970. Já na década de 1990, os movimentos se intensificaram em todo o Brasil, com destaque para a célebre Marcha Zumbi dos Palmares, que segundo Dias (2005, p.54):

As manifestações daquele ano culminam na Marcha Zumbi dos Palmares: Contra o racismo, pela cidadania e a vida, na qual cerca de 10 mil negros e negras foram a Brasília com um documento reivindicatório (POR, 1996) entregue ao presidente Fernando Henrique Cardoso.

Diante de muitas lutas, a causa negra ganhou mais força a partir dos anos 2000, tendo êxito em 2003 com a sanção da lei 10.639/03. Essa lei trouxe reivindicações fundamentais para se trabalhar a abordagem da temática negra nas escolas e instituições de ensino em geral e também valorizando a reescrita da história brasileira incorporando tanto a participação do povo negro como também do indígena - partindo-se da alteração de lei 11.645.

As obras literárias tiveram/têm um importante papel nesse caminho de desconstrução da idealização de uma sociedade branca. Com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais, no parecer CNE/CP no. 003/2004:

A escola tem um papel preponderante para a eliminação das discriminações e para a emancipação dos grupos discriminados, ao propiciar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários. (BRASIL, 2004, P.06)

É através da literatura que se abrem as portas para o conhecimento de mundo e de uma população que por muito tempo teve sua história mascarada pelo seu colonizador:

Tendo em vista os desdobramentos na educação brasileira, observam-se os esforços de várias frentes do Movimento Negro, em especial os de Mulheres Negras, e o empenho dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs) e grupos correlatos criados em universidades, que buscam a estruturação de uma política nacional de educação calcada em práticas antidiscriminatórias e antirracistas. (CAVALEIRO, 2006, p.21)

A educação construída e voltada para a diversidade forma uma oportunidade de ampliar conhecimento no campo educacional e esses movimentos negros, a exemplo dos NEABs (Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros) em universidades vem promover igualdade e reforçar a importância da educação antirracista.

3. ENTRE LAÇOS, CACHOS E REPRESENTAÇÃO: NILMA LINO GOMES NO CAMINHO DO EMPODERAMENTO

Publicado pela editora Maza Edições, no ano de 2009, *Betina* é uma história infanto-juvenil narrada em terceira pessoa, cuja protagonista intitulada Betina mora com sua família e mantém uma relação afetuosa com sua avó – que em todas as passagens da narrativa a incentiva a amar cada traço seu. O que a personagem Betina tem de diferente dentre alguns outros personagens da literatura contemporânea é que ela pertence a uma família estruturada, já que a personagem é apresentada tendo um lar estável, seguro, feliz e sua vida é cheia de representatividade tanto nas bonecas, como em seus penteados ou mesmo nas histórias que sua avó sempre conta enquanto trança seu cabelo.

O tempo da obra é cronológico, pois ocorre em uma sucessão de fatos e acontecimentos narrados conforme o desenrolar da história, ou seja, desde a infância da menina Betina até sua fase adulta.

Conforme o leitor folheia as páginas da história, vai conhecendo toda rotina da menina Betina: a brincadeira com as amigas na escola, sua boneca de trancinhas (a qual Betina brinca enquanto sua avó trança seu cabelo), suas idas à escola e a afetuosa atenção que a professora de Betina demonstra quando a menina mostra suas tranças.

A capa da obra já chama a atenção do leitor e há um amplo olhar a respeito do que essa história falará. A menina se encontra sentada no chão, rodeada de brinquedos e abraça sua boneca negra que, assim como ela, apresenta trancinhas em todo seu cabelo. A contracapa complementa a mesma imagem da menina sentada e nela vê-se outra boneca, desta vez com cabelo Black Power e um pente ao lado. O livro é, por completo, cheio de referências positivas para a criança leitora.

Todos esses penteados afros já evidenciam o olhar do leitor para um dos principais temas da narrativa: o cabelo. As imagens, inclusive, dão o diferencial em toda a narrativa pois apresentam além dos penteados, traços fenotípicos negros representados positivamente.

A autora de *Betina*, Nilma Lino Gomes (2009), é uma mulher negra, pesquisadora das questões étnico-raciais que nasceu no dia 13 de março de 1961, em Belo Horizonte. Filha de mãe bordadeira e pai ferroviário, hoje a autora se encontra com 61 anos levando consigo a honra de ter sido a primeira negra a chefiar uma Universidade Federal brasileira. Tem sua trajetória de vida associada ao movimento negro universitário e também a educação – uma vez que foi professora desde os 17 anos.⁴ Formou-se em pedagogia (1988) e concluiu seu mestrado (1994) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Realizou seu doutorado em Antropologia Social na USP e fez o seu pós-doutorado em Sociologia na Universidade de Coimbra. No ano de 2022 a autora foi vencedora da área de humanidades e recebeu o prêmio Carolina Bori, 3ª edição, pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).⁵ Diante de tantas frentes de pesquisa, Nilma Lino Gomes lança *Betina* em 2009, com as ilustrações de Denise Nascimento, trazendo a história de "Betina-menina-trançadeira virou Betina-mulher-cabeleireira", (GOMES, 2009, p.18).

A infância tem um papel primordial para a criança construir sua personalidade, seus gostos, sua afirmação e interação com as pessoas. Pensando nisso:

⁴ Site: <https://revistacult.uol.com.br/home/primeira-e-ultima/> Acesso em: 11 de Abril de 2022.

⁵ Site: <https://www.escavador.com/sobre/3975145/nilma-lino-gomes/> Acesso em: 05 de maio de 2022

Desde o nascimento, as condições materiais e afetivas de cuidados são marcantes para o desenvolvimento saudável da criança. É com o outro, pelos gestos, pelas palavras, pelos toques e olhares que a criança construirá sua identidade e será capaz de rerepresentar o mundo atribuindo significados a tudo que a cerca. Seus conceitos e valores sobre a vida, o belo, o bom, o mal, o feio, entre outras coisas, começam a se construir nesse período. (CAVALLEIRO, 2006, p.31)

Quando a família e escola trabalham o respeito pelo outro, a valorização dos ancestrais (que é muito praticado na cultura africana e afro-brasileira), as histórias de povos diferentes tendem a mostrar à criança uma ampla diversidade de religiões e o quanto deve-se respeitá-las, tudo isso será visto como valor e terá sua importância aos olhos da criança.

Partindo-se da representação positiva, a imagem dos cabelos afros das personagens negras na literatura infanto-juvenil tem ganhado destaque nas histórias e ilustrações, trazendo consigo o reforço da autoimagem positiva na criança. Em seu livro *Betina*, a autora Nilma Lino Gomes traz a representação de uma personagem negra de cabelos crespos que tem em sua avó uma grande conexão. Ler esta narrativa em sala de aula é possibilitar o leitor um olhar de valorização étnica.

No site *Geledés*, Ana Carolina Reis (2014), do *Blogueiras Negras*, afirma esse pensamento valorização étnica quando destaca a importância das representações literárias de personagens infanto-juvenis negras na sala de aula para a construção de uma identidade positiva. E relembra as "brincadeiras" que ouviu durante sua infância a respeito de seu cabelo. Hoje, pedagoga, entende o quanto a educação pode combater o racismo:

A exclusão era fato, xingamentos, apelidos, "musiquinhas" eram rotineiros. O cabelo? Esse era alvo fácil, era comum me chamarem de "cabelo ruim", "neguinha do cabelo duro", "cabelo pixaim". [...] Um dos aspectos que pude perceber na etnografia é que algumas crianças negam a primeira vista esse problema, mas em diálogo acabam afirmando suas angústias. Outro ponto também é quando se trata de identidade, o cabelo apresenta uma dificuldade de construção da identidade negra em meio a uma sociedade com um padrão de ideal de branquidão. Pelo fato do cabelo ser o alvo número um de "brincadeiras" e apelidos, a criança negra passa a não gostar de um dos símbolos mais fortes da identidade negra. Muito além do caráter estético o corpo e o cabelo tratam do caráter simbólico e identitário da cultura negra. Partindo da ideia que a cultura negra é construída não só a partir do olhar que o negro tem de si, mas também da relação que ele tem com o olhar do outro sobre ele, não só o que é refletido no espelho importa, mas a sociedade também atua como um espelho⁶.

O livro apresenta ilustrações diversas que adentram no universo da personagem *Betina* apresentando aos leitores toda forma como a autora narra a história e encantando a quem visualiza as cenas. Importante falar que as ilustrações

⁶Site: <https://www.geledes.org.br/construcao-da-identidade-da-crianca-negra-em-meio-relacoes-de-racismo-na-escola/?amp=1> Acesso em: 11 de Abril de 2022.

das mulheres negras (adultas e crianças) representadas na obra se apresentam repletas de tranças e penteados afros, dando empoderamento as meninas e meninos negros. A avó da menina Betina apresenta tranças transpassadas pelo cabelo envoltas num coque; já Betina em sua versão criança tem em seu cabelo tranças nagô⁷ com bolinhas coloridas na ponta. Levando o leitor a ser apresentado à cultura africana/afro-brasileira. As ilustrações do livro são realizadas pelas mãos de Denise Nascimento, uma mulher negra, graduada no curso de *Designer* na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) em 1992. Desde o ano de 1998, ela se dedica a ilustrar livro infanto-juvenil.

Nas primeiras páginas (figura 1), é visto a menina brincando de pular corda alegremente, enquanto sua avó a observa na janela com um sorriso no rosto. Nota-se nesta cena o quanto a construção identitária já é reforçada na fala de sua vó: "Menina, minha menina, quem te fez tão bonitinha: foi o sol, foi a lua ou as estrelas miudinhas?" (GOMES, 2009, p.4)



Figura 1: Betina pulando corda e sua avó a observando

As próximas cenas encantam o leitor e contrastam com a alegria da brincadeira de corda. Desta vez há a aproximação do diálogo entre avó e neta para o penteado predileto da menina Betina. Os trançados são feitos cuidadosamente e, durante o processo de preparo, o cabelo passava por um ritual onde era lavado, usava-se creme, desembaraçava e, por último, é seco com uma toalha (figura 2):

⁷Durante o período de escravidão no Brasil, as tranças nagô eram usadas para desenhar rotas de fuga para os quilombos.



Figura 2: *Betina* tendo os cabelos trançados pela avó

[...] a avó sentava - se em um banquinho, colocava uma almofada para *Betina* sentar - se no chão, jogava uma toalha sobre os ombros da menina, dividia o cabelo em mechas e ia desembaraçando, penteando e trançando uma a uma, com uma rapidez incrível.

Enquanto trançava, avó e neta conversavam, cantavam e contavam

histórias. Era tanta falação, tanta gargalhada que o tempo voava! E, no final, o resultado ecrã um conjunto de tranças tão artisticamente realizadas que mais parecia uma renda. (GOMES, 2009, P.6)

Ao fim do ritual de trançados, *Betina* se enxerga no espelho (figura 3) e seus olhos brilham de doçura e encantamento pelas trancinhas com bolinhas coloridas nas pontas. Essa relação de trançar, do cabelo como fator principal na narrativa e de trazer como protagonista uma menina negra, reforça a autoimagem positiva da criança, assim como quebra padrões de ilustrações recorrentes onde os cabelos lisos aparecem sempre nas literaturas infanto-juvenis.



Figura 3: *Betina* de frente ao espelho

Oliveira (2005) discute a respeito de situações em que os professores enfrentavam problemas na escola, porque não tinham obras literárias que abordassem a representatividade de personagens negros - o que acabava prevalecendo as histórias com personagens brancos. O problema está aí, na forma em que as obras literárias tratavam e colocavam os personagens negros. Sobre essa questão que Gomes (2002) também registra:

[...] a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais. Será que esse padrão está presente na escola? A existência de um padrão de beleza que prima pela "brancura", numa sociedade miscigenada como a nossa, afeta ou não a nossa vida nas diferentes instituições sociais em que vivemos? Essas representações estão presentes na escola? Como?. (GOMES, 2002, p. 42)

Em resposta a esses questionamentos, Oliveira (2005) expõe a experiência de professores vivenciada em sala de aula:

[...] quando se tratava de escolher aqueles que seriam os antagonistas, o Saci Pererê, a bruxa, o representante do mal, indicavam os colegas negros. Lembro-me do relato de uma educadora ao interferir nessas indicações da classe, quando um dos alunos negros recusou-se a ser o Saci Pererê, pois dizia estar cansado de ser sempre o Saci nas festas folclóricas. Também foi comentado sobre os anjos das escolas, os quais eram representados pelas crianças de pele clara, enquanto as negras ficavam de fora, esperando a sua vez. Outras reclamavam e pediam para fazer o papel de anjo, embora vendo a rejeição dos colegas quanto a esse pedido. Afinal, os anjos dos livros didáticos, da literatura, dos cartazes escolares, dos filmes, das igrejas eram sempre brancos, de olhos azuis e não negros. (OLIVEIRA, 2005, p. 104)

Diante do exposto, podemos verificar o papel que a literatura assume em contextos de leitura. Através dela, podem-se construir "padrões" ou quebrá-los, alimentar os alunos com conteúdos discriminatórios ou trazê-los para um novo mundo, com novas percepções de valorização étnico-racial. Esse é o poder da literatura, esse é o poder que *Betina* tem.

Nesta narrativa, a autora aborda/problematiza sobre a escola e o preconceito. *Betina* encantava os seus coleguinhos com suas tranças e todas faziam festa e pediam dicas de como fazer. Mas existia quem implicasse com o cabelo da menina; e, trazendo essa situação, ela ensina as crianças a enfrentarem quem as ofenderem, caracterizando uma forma de resistir:

[...] havia também quem não gostasse das tranças de Betina. Menino e menina que torciam o nariz e puxavam as tranças da garota quando ela estava distraída. Betina respondia, de forma energética, não deixava passar nada:

Para com isso! Tá com inveja, é?! Se quiser, peço a minha avó para fazer trancinhas no seu cabelo também. (GOMES, 2009, p.12)

A reação de Betina ao preconceito se encaixa na fala de Souza (2016, p. 131): "[...] as crianças não são omissas e passivas em relação ao racismo no contexto escolar, nas formas que lhe são possíveis elas denunciam e enfrentam os preconceitos raciais quando são ouvidas [...]". Isso mostra muito da formação a qual Betina foi exposta. O seu espaço social é cheio de amor e atenção tanto pela mãe, quanto pela avó. E quando falamos sobre a sua identificação, a personagem se reconhece como uma menina negra e não recua quando se depara com algum preconceito, muito menos se amedronta, a personagem enfrenta e sai vencedora. Eis a importância dessa personagem para a (re) construção de uma identidade positiva, pois mostra o poder que a família/escola têm na construção e imagem positiva de si, da sua identidade.

3.1 A ANCESTRALIDADE REPRESENTADA EM "BETINA"

Trazendo a relação de neta e avó o livro explora as aventuras de uma criança através da sua imaginação, representatividade e brincadeiras com sua avó. Essa prática que acaba fortalecendo o imaginário, também traz consigo o real sentido dos *griots*⁸.

[...] os mais velhos transformam-se nos cronistas dos acontecimentos que devem ser passados aos mais novos e, nesses rituais, personificam o antepassado que viveu a história contada. [...] E se ao velho falta força para o trabalho, sobra-lhe experiência para ser transmitida aos mais novos. (FONSECA, 2008, p. 137)

A obra conecta a criança leitora no espaço ficcional da ancestralidade, no contato com a avó-contadora e da possibilidade da concretização dos sonhos. Um cenário cheio de fantasias e emoções, assim como a valorização dos mais velhos e a representação da sabedoria dos anciões nos conhecimentos de vida e cultura. Em uma conversa com sua avó, Betina emociona os leitores:

[...] mas antes de partir, eu quero lhe deixar um presente.

- O que é, vó! Um bombom? É um conjuntinho de batom e esmalte?
- Não, sua tolinha! Vou lhe ensinar a fazer tranças.
- Mesmo? Oba! Oba! As meninas lá na escola vivem me pedindo para trançar os cabelos delas e eu ainda não sei...

⁸ Contadores de história na África Antiga, responsáveis por passar aos mais novos todos os ensinamentos culturais. Os verdadeiros responsáveis pela força da tradição oral.

- Mas com uma condição - afirmou a avó.
- Qual? Betina arregalou ainda mais os olhos grandes.
- Você vai trançar o cabelo de toda a gente, ajudando cada pessoa que chegar até você até se sentir bem, gostar mais de si, sentir - se feliz de ser como é, com o seu cabelo e sua aparência.

(GOMES, 2009, p.16)

O diálogo entre vó e neta traz à tona a oralidade e a sabedoria ancestral. *Betina* através dos conhecimentos de sua avó aprende a valorizar o cabelo afro e também os penteados que se tornam encantadores através da forma que sua avó os apresenta. Tendo em vista a oralidade:

A ancestralidade é um princípio que norteia a visão de mundo das populações africanas e afro-brasileiras. Os que vieram primeiro, os mais antigos, os mais velhos são referências importantes para as famílias, comunidades e indivíduo. Portanto, o processo de aprender não é possível fora da dimensão da relação, da interrelação entre os mais novos e os mais velhos. Os adultos são fundamentais nesse processo de caminhada para a compreensão da vida e das relações com o mundo que as crianças iniciam desde que nascem. (SANTANA, 2006, p.41)

A princípio, Betina acredita que não dará conta da missão de transmitir conhecimentos e continuar com a diversa habilidade de sua avó, mas é encorajada por ela: "É claro que consegue! E onde está a força que eu vejo nestes olhos cor de jabuticaba? E essa coragem que vejo pulsar em seu coração? É claro que consegue!" (GOMES, 2009, p.16). E ela então se torna uma cabeleireira de sucesso e consegue montar o seu próprio salão. Mas, a sua diferença em comparação a outros salões de beleza está na primeira pergunta que uma pessoa de cabelos crespos ou cacheados recebe em relação ao seu cabelo, se a intenção é alisar ou o escovar. O de Betina era diferente, porque "era um dos poucos da cidade que sabia pentear e trançar com muito charme e beleza os cabelos crespos" (GOMES, 2009, p. 18).

Betina precisou contratar muitas pessoas para dar conta da demanda de clientes que ganhou em seu salão "[...] afinal, era tanta gente que ela sozinha não conseguia cuidar de tudo" (GOMES, 2009, p.18). E também teve que ensinar suas artes a outros profissionais. Seu trabalho foi ganhando popularidade em sua cidade, "o salão foi se tornando um lugar muito legal de se ir e de conviver e, aos poucos, Betina ficou conhecida por muita gente, dentro e fora da sua cidade e imagina... até fora do país" (GOMES, 2009, p.18).

Aquela menina que foi tão bem-criada pela sua avó, agora havia se tornado grande e orgulhosa do que fazia, mas ainda assim, Betina pensava naquela que foi a base de tudo para ela: "Se minha avó estivesse aqui, ela iria ficar orgulhosa! E os seus olhos derramavam lembranças" (GOMES, 2009, p.18).

O reconhecimento não tarda. Um dia, Betina recebeu um convite da escola municipal de sua cidade para realizar uma palestra sobre a arte de pentear e trançar. Num súbito de amor e lembranças, a personagem continua o ato de contar:

- É isso mesmo! Na história da minha família, a arte das tranças foi ensinada de mãe para filha, de tia para sobrinha, de avó para neta e assim por diante. Uma mulher foi ensinando para a outra até chegar em mim. Mas, isso não aconteceu só na minha família. É uma forma muito comum de ensinar e aprender presente na história de muitas famílias brasileiras (e também de outros países), principalmente, as negras. Em nosso país, muito do que sabemos hoje, tem sido comunicado dessa maneira - explicou a cabeleireira, emocionada. (GOMES, 2009, p. 22)

No fim da narrativa, a autora Nilma Lino Gomes deixa entendida a importância de se contar histórias de superação às crianças; histórias que resgatem a autoestima, promovam a superação e efetivem uma representatividade. É a partir da fala de uma menina negra que assiste à palestra de Betina, que autora nos faz crer nisso: “[...] então, a gente tem muita história para aprender e para contar. Fale mais, Betina!!!!” (GOMES, 2009, p.22).

Em sua história pessoal, a autora também relata a presença de uma figura representativa em sua vida: foi com a mãe que aprendeu a gostar de ler e de contar histórias. Relato este semelhante ao da personagem de seu livro *Betina*. A diferença, no entanto, está somente na parte em que Nilma Lino Gomes descobre, enquanto professora, que “contar histórias é uma prática ancestral. Uma forma de falar de si, cultivar memórias dos antepassados e educar novas gerações” (GOMES, 2009, p. 24).

A imagem final de Betina (figura 4) é ilustrada em sua fase adulta e dona do próprio salão de beleza. Nela, a ilustradora - Denise Nascimento - mantém os traços da mulher negra, e apresenta um pássaro ao fundo, o que provavelmente pode simbolizar representação ancestral de sua avó.

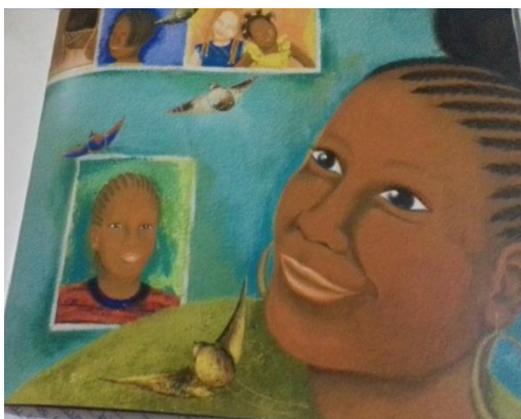


Figura 4: Betina adulta

Nota-se que a literatura infanto-juvenil aqui abordada, no contexto de sua trama conecta a ancestralidade para além do passado ao presente e ao futuro da personagem Betina. A arte de trançar foi passada por gerações (de tia para sobrinha, de mãe pra filha, de avó para neta) e a cena final que conclui o enredo se dá com Betina palestrando na escola sobre a temática “a arte de pentear e trançar”. A partir de então, aquela menina já crescida continua o seu legado de repassar o conhecimento de geração para geração.

A propósito do fator autoral e textos literários, destacamos o que afirma Costa (2009), para fins de que se possa ofertar uma literatura para fins de uma educação antirracista:

À luz de um novo contexto, em que as práticas sociais, principalmente do escritor negro, pretendem uma condição compromissada, a compreensão é a de que é preciso averiguar até que ponto a literatura tende a se inscrever como um espaço de afirmação cultural. Seja pelo encontro entre denúncia, lamento, questionamento, com certa dose de ironia e orgulho de pertencer à etnia negra, o discurso literário do escritor negro vem por em foco a consciência da necessidade de afirmação, desconstruindo estereótipos e possibilitando autovalorização do ser negro. (COSTA, 2009, p.147)

A falta de representatividade, é sem dúvida, um problema. Portanto, devemos nos preocupar com quem está escrevendo/contando e o que está transmitindo:

Comece uma história com as flechas dos nativos americanos e não com a chegada dos Britânicos e você tem uma história totalmente diferente.
Comece uma história com o fracasso do Estado africano e não com a criação colonial desse Estado e você tem uma história totalmente diferente.⁹

Essa reflexão pode ser voltada quando pensamos na história de nosso país e na importância do professor não levar apenas o lado do colonizador e silenciar o do colonizado/do povo que foi escravizado à força e arrancado de sua terra natal – A África. É importante que aja a discussão em sala de aula sobre os diversos grupos étnicos, culturais que existem no Brasil, “portanto, reconhecer, valorizar e superar a discriminação aqui existente, é ter uma atuação sobre um dos mecanismos estruturais da exclusão social, componente básico para caminhar na qual os afro-descendentes se sintam e sejam brasileiros” (ANJOS, 2005, p.177).

Mas a pergunta é: por que precisamos de uma educação antirracista? No decorrer deste artigo houve uma passagem sobre o perigo de uma única história de um povo levada à sala de aula porque se acabava definindo aquele como superior e inferiorizando os demais povos e culturas.

A escritora Nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em uma palestra intitulada “o perigo de uma única história”, em 2009, contou que em sua infância adorava ler, mas que seus referenciais eram sempre livros britânicos e americanos. E as histórias que se escrevia na sua infância todos os personagens tinham características europeias: brancos, olhos azuis, brincavam na neve e comiam maçãs – características estas que diferenciavam a sua realidade. O que chama a atenção é justamente isso, ela não se via nas histórias, então não se enxergava como uma personagem principal. No entanto, tudo isso mudou e a sua forma de enxergar o mundo abriu novos horizontes ao conhecer literaturas representativas:

⁹ Disponível em: <https://papodehomem.com.br/o-perigo-de-uma-unica-historia?fbclid=IwAR3O9Qr1Mx5gTqkDPkqHhiS8bKyC31bJoUQR9YN1z1L7_lq2OPsgHC1Fr-4>
Acesso em: 18 de julho de 2022

[...] as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar quanto os livros estrangeiros, mas devido a escritores como Chinua Achebe e Camara Laye eu passei por uma mudança mental em minha percepção da literatura. Eu percebi que pessoas como eu, meninas com a pele cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos-de-cavalo, também podiam existir na literatura. Eu comecei a escrever sobre coisas que eu reconhecia.¹⁰

Pensando na representatividade encontrada por Chimamanda Ngozi Adichie nas obras literárias e sua identificação com os personagens nela representados, entende-se porque foi necessária uma (re) adequação nas histórias e personagens com a promulgação da lei 10.639/03. E ela trouxe mudanças, “a imagem dos cabelos de personagens negras na literatura infanto-juvenil ganha relevo na ilustração e nas histórias que reforçam a autoimagem positiva da criança, e procura quebrar a recorrência de cabelos lisos e longos encontrados nas ilustrações” (GODOY, 2019, p. 04).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a educação infantil é um espaço adequado para se trabalhar com a lei 10.639/03 e destacar como a formação dos docentes se faz necessária na construção identitária positiva das crianças/alunos. Focando na relação com o outro, a escola deve ser um ambiente comprometido em refletir imagens positivas do povo negro, como também trazer representações da resistência e vida.

Ao realizar essa leitura analítica através do livro *Betina*, é possível responder à pergunta a qual foi realizada no início deste artigo: “Como as crianças irão se enxergar através do espelho literário? Elas se reconhecerão naquele personagem?”. Acreditamos que sim, particularmente àquelas crianças cuja etnia seja afrodescendente, esta afirmação surge a partir da escolha do livro, como mencionado anteriormente, na busca de apresentar uma imagem positiva da personagem negra, sua força e sua história, refletindo na formação da identidade de meninas e meninos negros.

Diante da narrativa em estudo, é visível o quanto a literatura infantil pode cooperar de forma positiva no reconhecimento identitário negro. E também abrir espaços para desconstruir conceitos construídos erroneamente sobre o povo africano e afro-brasileiro, possibilitando também a construção de pensamentos e ações positivas, combatendo a injustiça, abrindo as portas para o conhecimento de diversas culturas, etnias e povos.

É necessário, portanto, explorar em sala de aula obras literárias no estilo de *Betina*, de autoria e representatividade negra, possibilitando o acesso a uma diversidade de obras sobre a literatura afro-brasileira. Isso porque se cria, no universo da sala de aula, espaços para o respeito à diversidade, possibilitando, assim, uma educação antirracista.

¹⁰ Disponível em: <https://papodehomem.com.br/o-perigo-de-uma-unica-historia?fbclid=IwAR3O9Qr1Mx5gTqkDPkaHHiS8bKyC31bJoUQR9YN1z1L7_Iq2OPsgHC1Fr-4>
Acesso em: 18 de julho de 2022.

O professor, por fim, tem em mãos uma tarefa, tendo por foco o texto literário afro-brasileiro: trabalhar positivamente o imaginário negro e a identidade dos alunos através dos livros de literatura, assim como o uso de oficinas que busquem levar conhecimento e quebrar padrões estabelecidos como aceitáveis em detrimento de outros.

5. REFERÊNCIAS:

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. A geografia, a África e os negros brasileiros. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2º ed. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2005.

BRASIL. Parecer CNE/CP no. 003/2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Reações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p.1, 17 jun.2004.

CAVALEIRO, Eliane. Valores Civilizatórios dimensões históricas para uma educação anti-racista. In: **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: SECAD, 2006.

CAVALLEIRO, Eliane. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais**. Brasília: Secad, 2006.

CAVALLEIRO, Elaine. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Elaine. **Racismo e anti-racismo na educação: pensando a nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2003.

COSTA. Maria Suely da. Literatura afro-brasileira e negritude: uma experiência de leitura. In: **GRIOTS- Culturas Africanas: linguagem, memória, imaginário**. Organizadores: Tânia Lima, Isabel Nascimento, André Oliveira. 1ª Ed. Natal: Lucgraf, 2009.

DIAS, Lucimar Rosa. Quantos Passos Já Foram Dados? A questão de raça nas leis educacionais da LDB de 1961 à lei 10.639/03 de 2003. In: **Educação do negro e outras histórias**. Secad/ UNESCO. Brasília, 2005.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. **Mas afinal, para que interessam a um Cigano as equações?** Experiências étnico-culturais para a formação de Professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Velho e velhice nas literaturas africanas de língua portuguesa. In: **Literaturas africanas de Língua Portuguesa: Percursos da memória e outros trânsitos**. 1.ed. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Ricardo Henriques. (Org.). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/03**. Brasília: SECAD/MEC, 2005.

GODOY, Maria Carolina de. **Era uma vez... infância, representação e afro-brasilidade no reino da literatura infanto-juvenil**. REVELLI, vol. 11. 2019. Dossiê: Estudos Literários e interculturalidade.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: Um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo. V.29, n. 1. P.167-182. Jan/jun. 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Betina**. Ilustrado por Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? In: **Revista brasileira de educação**. Nº 21. Set/Out/Nov/Dez. 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2º ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e diversidade, 2005.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens Negros: Um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2º ed. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2005..

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **A tessitura dos personagens negros na literatura infanto-juvenil brasileira**. Sementes (Salvador), v. 06, 2005.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. Educação infantil. In: **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais**. Brasília: Secad, 2006. P. 41.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2º ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e diversidade, 2005.

SOUZA, L. V. **Identidade negra e processos subjetivos na infância**: formas de enfrentamento do racismo. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

AGRADECIMENTOS

Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si.
É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti.
[...] não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu,
é sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu.
(Ana Vilela)

Agradecer é sempre a parte em que tudo coopera para a concretização de algo bom, é sobre saber que tudo o que foi vivido até agora se materializou graças a encontros que a vida nos presenteou. Encontros de pessoas que tornaram a caminhada um pouco mais leve, de pessoas que nos permitiram sorrir muito mais.

E entre encontros e desencontros, houve alguém com um poder tão infinito que sempre esteve presente me conduzindo por caminhos árduos. Existiu uma mão poderosa a me sustentar quando nada estava bem. E de repente, o que era inalcançável se tornou possível. Reconheço que sem Deus a me amparar, nada teria sido fácil. Vale a pena acreditar que diante de situações impossíveis Deus se apresenta e percorre unido a nós toda a trajetória para que não desistamos. Hoje sei que os obstáculos foram apenas para me encorajar a nunca desanimar. Em tudo o que vivi, senti que Deus estava comigo, e foi essa força que me levantou nas inúmeras batalhas que travei, é a Deus que primeiramente quero agradecer.

Não poderia deixar de lado Nossa Senhora de Aparecida que sempre esteve presente nas situações que passei. Graças a ela fui abençoada inúmeras vezes tanto por ter pessoas do bem comigo quanto às escolhas que fiz em minha vida. Gratidão por tudo, mãezinha! Que nunca falte tua luz e benção em cada passo que der.

Em todo o processo desta caminhada encontrei não só em Deus, como também em minha família uma fonte de equilíbrio, onde me entusiasmarem a ir mais além. Gratidão a todo o carinho que minha mãe, Izabel, sempre teve comigo - sem os seus esforços não teria chegado até aqui. Meu muito obrigado a toda força e as doses de ânimo que minhas irmãs: Aline e Lúcia sempre me deram. Assim como meus sobrinhos: Maria Isabel e Davi que me fortaleceram ante os desafios.

Toda minha gratidão ao homem que também permitiu minha chegada a faculdade, a pessoa que desde pequena me incentivou a aprender e me ensinou que o melhor caminho sempre será o dos estudos. Agradeço ao anjo que de longe sei que está a me olhar e se orgulha do quanto eu estou evoluindo. Gratidão ao meu pai, Antônio Soares Santiago por ter sido o melhor pai desse mundo! Sei que zela por mim.

Dedico este trabalho em memória de Rosilda Alves Bezerra. À sua dedicação e todos os risos e conhecimentos passados. Foi por meio de suas aulas e da sua amiga - também minha professora - Suely Costa que o mundo da literatura africana e afro-brasileira se tornou ainda mais encantador para mim. Rosilda era a representatividade, era a força da mulher negra.... Sua passagem aqui na terra deixou sementes em cada um dos que foram seus alunos.

Gratidão às minhas amigas e companheiras do curso: Brenda, Lenira, Raíssa e Rosalva por tanto ter alegrado minhas tardes na UEPB. Amizade esta que se prolongará para o resto da vida.

E por fim, agradeço à minha orientadora Suely Costa pelo apoio e por ter sededicado à minha orientação. Gratidão pelas tardes de aulas encantadoras na

UEPB, pelo conhecimento passado, pela paciência e por ser esse exemplo de grande profissional.